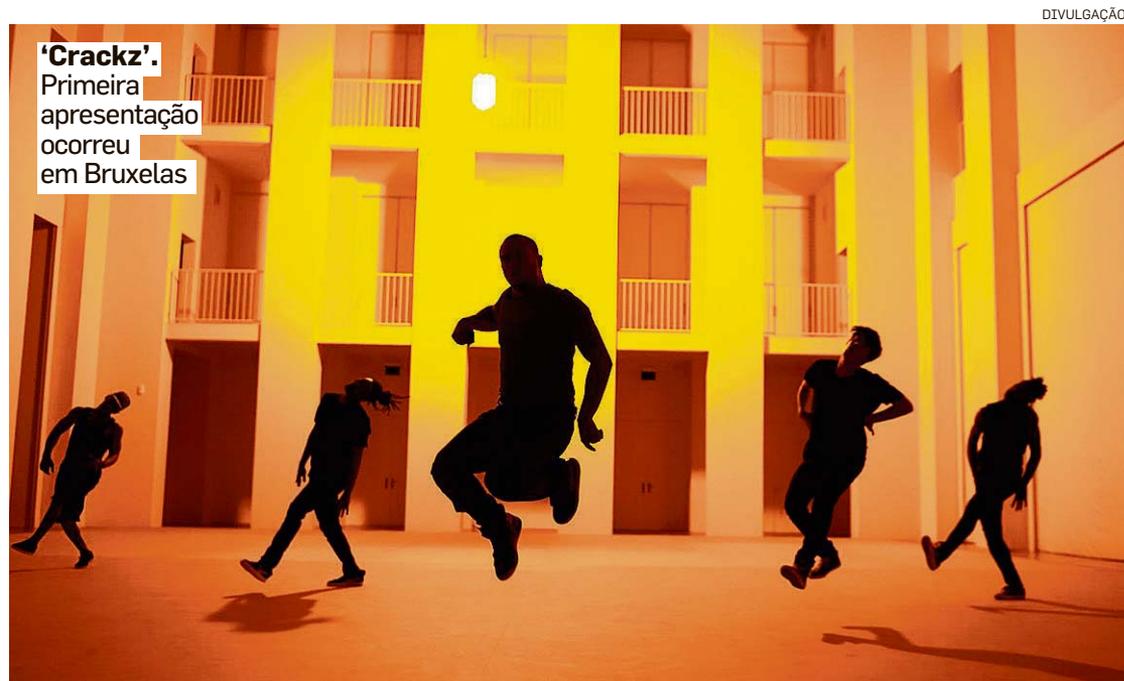


'Crackz'.
Primeira
apresentação
ocorreu
em Bruxelas



Após estrear espetáculo na Europa, Grupo de Rua faz uma de suas raras apresentações em São Paulo

Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

O título já nos aproxima do contexto: *Crackz*. Estreado em Bruxelas, em maio, no KunstenFestivaldeArts, apresenta-se no Teatro Alfa sábado, às 20h, e domingo, às 18h. Quem se interessa por hip-hop vai encontrar material de primeira para refletir sobre esse ambiente, e quem se preocupa com política cultural também. Afinal, o Grupo de Rua que Bruno Beltrão dirige e coreografa, e que conta com 13 bailarinos, quase não dança no Brasil. *H3*, sua última peça, criada em 2008, foi apresentada 108 vezes na Europa, 32 nos Estados Unidos, 17 na América do Sul (sendo 14 no Brasil) e nove na Ásia.

O Grupo de Rua tem uma história diferenciada, que começou em 1996, quando Bruno Beltrão e Rodrigo Bernardi criaram, com seus amigos dançarinos de break, na cidade onde moravam, o Grupo de Rua de Niterói. Quatro anos depois, Bruno entrou na Faculdade de Dança, começou a estudar filosofia e, a partir daí, o que fazia se transformou. Em 2001, quando montou *Do Popping ao Pop* no Rio de Janeiro,

chamou a atenção. Não demorou para ser lançado no circuito internacional que, desde então, não parou de crescer.

Bruno comenta que, desde 2002, o grupo existe graças a este circuito internacional. “Difícil entender termos coprodução, por exemplo, de quatro cidades alemãs (*Berlim, Dresden, Hamburgo e Essen*) e nenhum interesse em saber o que estamos fazendo na nossa própria cidade. Isso não é uma questão econômica apenas. Por aqui, o que fazemos não tem relevância, não gera interesse, por mais esforço que façamos”, questiona.

Se em *H2* a companhia teve cinco coprodutores, em *H3* o número subiu para seis e, agora, são 13. A rede tem crescido a ponto de Bruno ouvir propostas de coprodução ao final de suas apresentações. “Recebo comentários do tipo: ‘Estamos com vocês independentemente do que fizerem no próximo projeto’. E é claro que é mais interessante receber convites do que se inscrever num edital. No edital, preciso provar que sou alguém, duvidam de mim dos pés à cabeça e, na prática, não há relação interessada com o nosso trabalho”, afirma.

A sua relação com a cultura do hip-hop, ele conta, vem se transformando. Quando adolescente, Bruno vivia nela imerso – “trabalhava por ela, acreditava”. Porém, por ter escolhido seguir um caminho de invenção e por, como diz, precisar questionar e problematizar aquilo que praticava e “não seguir o protocolo, passamos, com o tempo, a ser visto como estranhos, até mesmo uma piada. Por alguns, não todos. Sabe o Willyan Martins? Aquele artista que descola grafites da rua e expõe na galeria como seu usando técnica de arqueologia? Acho que ele toca no assunto de forma contundente”.

Mesmo recebendo propostas para mudar, o corógrafo diz querer se dedicar à cena local. “Nosso trabalho, mais do que nunca, é aqui. Recebemos apoio de lá, estamos muito fora, mas o nosso trabalho crucial é aqui. Dedicamos a vida que temos para tentar criar algo relevante”.

GRUPO DE RUA

Teatro Alfa. Rua Bento Branco de Andrade Filho, 722, tel. 5693-4000. Sáb., 20 h; dom., 18 h. R\$ 40/ R\$ 80.